

A COLONIALIDADE DO *FUKÚ*, A MALDIÇÃO DO NOVO MUNDO

Maria Carolina Fernandes Morais (UFPE)¹

Resumo: O presente artigo aponta conexões entre o elemento narrativo *fukú americanus*, ou a Maldição do Novo Mundo, presente no romance *A fantástica vida breve de Oscar Wao* (2009), de Junot Díaz, e o conceito de *Colonialidade*, de Aníbal Quijano, com vistas a traçar como sua criação busca estabelecer outras formas de imaginar a história e seus silenciamentos.

Palavras-chave: colonialidade; Aníbal Quijano; literatura dominicana contemporânea; literatura norte-americana contemporânea;

O primeiro e mais poderoso personagem que conhecemos em *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, do autor dominicano radicado nos EUA, Junot Díaz, não é um sujeito de carne e osso, mas o fenômeno sobrenatural *fukú americanus*, ou a Maldição do Novo Mundo, que teria sido lançada por Cristóvão Colombo em sua chegada ao arquipélago Hispaniola, em 1492. A partir de então, ela teria se espalhado pelo mundo como um vírus poderosíssimo.

Contam que veio da África, trazido pelos gritos dos escravizados; que se tratou de praga rogada pelo povo taino, enquanto um mundo perecia e outro nascia; que foi um demônio deslanchado na Criação quando do arrombamento do portão de tormentas nas Antilhas. *Fukú americanus*, vulgarmente conhecido como *fukú* – no sentido amplo, uma espécie de maldição ou condenação e, no estrito, a Maldição e a Condenação do Novo Mundo. (...) Seja lá de onde viesse e como fosse chamado, comenta-se que a chegada dos europeus à Hispaniola desencadeou o *fukú* no mundo e, desde então, estamos na merda. O *fukú* não é coisa do passado, nem história fantasiosa, que já não assusta. No tempo dos meus pais, era real à beça, algo em que gente simples levava fé (DÍAZ, 2009, p. 12)

Yunior, o narrador, ainda explica que o *fukú* esteve no “auge” durante a ditadura de Rafael Leónidas Trujillo, que durou entre 1930 a 1961. O “Generalíssimo”, como também eram chamado, teria sido

¹ Mestranda em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: carolmorais@gmail.com

(...) um dos ditadores mais execráveis do século XX, governou a República Dominicana de 1930 a 1961, com uma brutalidade implacável. Mulato corpulento e sádico, com olhos de suíno, clareava a pele com vários produtos (...). (...) ele chegou a controlar quase todos os aspectos da vida econômica, social, cultural e política do país, por meio de uma mescla poderosa (e familiar) de violência, intimidação, massacre, estupro, cooptação e terror; tratava o país como se fosse uma colônia e ele, o senhor. Famoso por ter mudado TODOS OS NOMES de TODOS OS PONTOS DE REFERÊNCIA da República Dominicana em homenagem a si mesmo (...); por monopolizar de forma fraudulenta cada fatia do patrimônio nacional (...); por organizar uma das forças armadas mais poderosas do hemisfério (...); por transar com toda gata que aparecia pela frente, até mesmo com as esposas dos subordinados, e com milhares e mais milhares de mulheres (DÍAZ, 2009, p. 12).

Trujillo estivera por trás do genocídio de haitianos e haitianos-dominicanos em 1937, que deixou entre 9.000 e 20.000 mortos. Segundo o narrador, a investida teve um claro fundo racial, buscando impedir que os habitantes do país vizinho, cuja tez é mais enegrecida, emigrassem para a República Dominicana e nela se estabelecessem (DÍAZ, 2009; MOYA PONS, 2010). Segundo matéria da BBC², até os próprios dominicanos de pele escura acabaram sendo perseguidos (2012). Trujillo e sua prole também perpetraram e legitimaram uma cultura de estupro no país (VARGAS LLOSA, 2000; DÍAZ, 2009). Protegido por sistemas eficazes de inteligência policial e controle total dos meios de comunicação, o Trujillato sustentou-se sobre os pilares machistas, homofóbicos e racistas da sociedade dominicana, alavancando-os a toda sua obscenidade.

Esses exemplos de conduta nos ajudam a entender os motivos que levam Yunior a afirmar que a relação entre o *fukú* e Trujillo era profundamente imbricada.

Ninguém sabe ao certo se o sujeito era diretor ou representante, criador ou criatura da Maldição, mas está claro que se entendiam; como eram *próximos* aqueles dois! O povo – até o instruído – acreditava que qualquer um que tramasse contra Trujillo atrairia um tremendo *fukú*, que atingiria até a sétima geração da pessoa (DÍAZ, 2009, p. 9 – grifo do autor).

No entanto, o que *fukú* teria a ver com a política de Trujillo? Como a maldição incide na vida das pessoas? A princípio, o prólogo nos informa que ela atua através de golpes de azar, que vão desde um mal-estar até uma morte “acidental”, ou um câncer, por

² https://www.bbc.com/mundo/noticias/2012/10/121012_masacre_haiti_republica_dominicana_ar

exemplo. Ou, quem sabe, uma vida profissional e amorosa malograda. No entanto, apesar de ter supostamente lançado seu manto maligno sobre figuras célebres, a exemplo dos Kennedy, ou sobre qualquer pessoa que, de algum modo, tenha sido um obstáculo ao Generalíssimo e sua máquina de governo, à medida que a trama se adensa, passamos a entender que o prato favorito do *fukú* são os que, de algum modo, estão à margem do *status quo* estabelecido a partir do empreendimento colonial. Então, como os demais personagens da narrativa, a família Cabral de León, teria “contraído” a maldição? De que maneira o *fukú* abateu-se sobre essas vidas cada vez mais “breves e anônimas”? Vamos conhecer um pouco desses personagens cujas trajetórias são encenadas sob a redoma da maldição, embaladas por uma maré de azar há, pelo menos, três gerações.

Os condenados da Terra

Nascida em uma família de classe média, Belicia é filha do médico e erudito Abelard Cabral. Amante dos livros e afeito a debates apaixonados, ele costumava varar noites com colegas e amigos em sua casa, principal *locus* de sua ascense intelectual – nessa bela residência, verdadeiro éden das letras, o prudente pensador mantinha-se distante dos embates que ocorriam no mundo lá fora. O destino, no entanto, havia de armar-lhe uma arapuca e Abelard acabou sendo preso, torturado e assassinado pela polícia secreta de Trujillo. Esse incidente teria provocado:

(...) um declínio sem precedentes no destino da família. Lançou, no plano cósmico, um pêndulo de aço contra ela. Chame uma grande maré de azar, de uma enorme dívida cármica ou de outra coisa (Fukú?). Seja lá o que fosse, a parada começou a exercer um poder terrível naquela linhagem; alguns creem, inclusive, que nunca mais parou (DÍAZ, 2007, p. 247).

No entanto, numa nota de rodapé anterior a essa passagem, ao mencionar o grande *fukú* que se abateria contra a família Cabral de León, o narrador faz uma ressalva:

Claro está que há outros começos, seguramente melhores – se querem saber, eu mesmo teria iniciado quando os espanhóis “descobriram” o Novo Mundo, ou quando os EUA invadiram Santo Domingo, em 1916. Mas, se aquele era o ponto de partida escolhido pelos de León, quem era eu para questionar sua historiografia? (DÍAZ, 2009, p. 211)

Após a prisão de Abelard, todos os bens da família foram confiscados, e uma forte rede de infortúnios caiu sobre todos que lhe eram próximos: a esposa, perturbada por uma suposta depressão pós-parto, morreu atropelada por um caminhão; as filhas mais velhas, enviadas a parentes distantes, também apareceram mortas pouco tempo depois. A desgraça abateu-se, inclusive, sobre os empregados da casa, que também acabaram falecendo prematuramente³. No entanto, segundo boatos coletados por Yunior, interpretou-se que o primeiro sinal de que a maldição havia, de fato, se apoderado da família Cabral estaria na cor da terceira filha de Abelard, que nasceu em meio ao que Yunior chama de *A Queda* de seu pai, pouco antes de ele morrer. Belicia era tão negra que, segundo o narrador, “nenhuma artimanha racial dominicana encobriria esse fato. É esse o tipo de cultura a que pertença: as pessoas consideram a compleição escura de seus filhos um mau agouro” (Díaz, 2007, p. 247). Rejeitada pelos parentes devido a seu tom de pele e saúde frágil, Belicia acabou sendo vendida por parentes maternos a outra família, habitante da periferia do município pobre de Azua, que fez dela sua escrava doméstica. Por sua obstinação em frequentar a escola, a menina foi punida com óleo quente nas costas, deixando cicatrizes que durariam para sempre. Aos nove anos, por fim, ela foi encontrada por uma tia, Nena Inca, prima de Abelard, que a resgatou e conseguiu para a menina uma bolsa de estudos numa escola particular em Santo Domingo.

Finalmente matriculada, Beli, no entanto, não conseguiu superar o que aqueles *anos perdidos* exerceram sobre sua cognição – ela tinha muita dificuldade para aprender e acompanhar o resto da turma; além disso, sofria preconceito dos colegas de sala, que integravam a fina flor da classe média e alta dominicana. Na puberdade, por fim, ela encontra uma carta na manga, algo que lhe conferiu destaque a despeito de sua compleição e dificuldades de aprendizado. Seu corpo se desenvolveu rápida e tremendamente, dando-lhe curvas vultosas e seios fartos, o que, naquele contexto social, representava seu maior trunfo. Durante esse período, a adolescente se apaixonou pela primeira vez, por Jack Pujols, colega branco e de olhos azuis da escola, filho de um militar do alto escalão do governo. Pujols, porém, apenas usurpa do corpo da garota, com quem jamais admitiu ter qualquer vínculo. Descoberto o furtivo relacionamento que se limitava a cabines de banheiro do colégio, Belicia nunca mais o reviu. Sofrendo pela desdita do

³ A prisão, tortura e assassinato de parentes dos alvos da polícia secreta eram procedimentos comuns no Trujillato (VARGAS LLOSA, 2000), o que também justifica o isolamento de sujeitos perseguidos em relação a seus parentes, que buscavam cortar relações para não se tornarem alvos indiretos da polícia.

que ela acreditava ser um “romance” (idealizando Jack como um galã das novelas), Beli só consegue esquecê-lo com um novo amor. Após abandonar os estudos, ela passa a trabalhar num restaurante e se envolve em outra enrascada, que terminaria por mudar sua vida: começa a se relacionar com um homem muito mais velho, casado com uma das irmãs do ditador Rafael Leónidas Trujillo. Ela engravida e sofre uma emboscada numa plantação de cana de açúcar (não se sabe se a mando da esposa, do amante, ou dos dois), escapando com vida de um severo espancamento, mas perdendo, contudo, a criança. Para fugir das perseguições, ela emigra para os Estados Unidos, onde se envolve com um dominicano que seria o pai de seus dois filhos, Oscar e Lola. A relação, no entanto, dura pouco, pois ele a abandona quando as crianças ainda eram pequenas. Após uma infância e juventude repleta de eventos traumáticos, a vida adulta de Belicia em Nova Jérsey resume-se a jornadas duplas de trabalho, à criação dos filhos e a telenovelas a que assiste na televisão, um de seus poucos refúgios nas horas de folga.

Ao testemunharmos sua vida adulta, percebemos que os infortúnios por que Beli passara não abrandaram seu coração, mas surtiram o efeito contrário: ela tornara-se tão inflexível e impiedosa com os filhos (destinando tratamento ainda mais rígido à filha, Lola) quanto o destino fora com ela. Oscar, a propósito, era-lhe um grande motivo de preocupação. De personalidade peculiar, ele estava bem distante dos padrões de masculinidade: era um garoto obeso, tímido, inseguro e obcecado por histórias de fantasia e ficção científica. Pressionado pela mãe para agir como um típico machão dominicano, seus encontros com as garotas eram, contudo, sempre malogrados, e ele vira um alvo fácil dos valentões, tornando-se pária tanto em sua comunidade dominicana, por não atender a padrões de corpo e masculinidade, quanto nos EUA, por ser latino e negro.

Até aí, poderíamos pensar que não há motivos incontestáveis para Oscar crer na existência da maldição que, segundo ouvira falar, assola sua família. Afinal, situações como essas podem até ocorrer com diferentes pessoas ao redor do mundo – nada do que vemos parece ser diretamente relacionado aos Cabral de León; falta-lhes um pouco de sorte, talvez. De fato, nossas convicções em relação à maldição não importam tanto, pois, como diz o título de uma entrevista feita pelo acadêmico Ignacio López-Calvo a Walter Mignolo, “coloniality is not over, it is all over” (LÓPEZ-CALVO, 2014, p. 171) - a colonialidade está em toda parte; ou, como diz o narrador, ainda no prólogo: “não tem o

menor problema se você não acreditar nessas ‘superstições’. (...) Porque, independentemente de qual seja a sua crença, o fukú crê em você” (DÍAZ, 2009, p. 15).

Nas entrelinhas de toda a vida de Belicia e Oscar, pode-se capturar como, por exemplo, as hierarquias e padrões de raça e gênero atravessam a condição marginalizada dos personagens. Essa afirmação não surge para reiterar maniqueísmos que excluem a possibilidade de opressão e privilégio em diferentes âmbitos da sociedade ocidental, mas é notório que determinados traços sociais representam, na grande maioria das vezes, obstáculos históricos que são a grande ferida aberta dos últimos cinco séculos. Não se pode, tampouco, deixar de mencionar o caso de Abelard, cujas atitudes de alguma maneira foram de encontro ao que se espera de “cidadãos de bem” vivendo sob as mãos feridas de ditaduras (que, na América Latina, em particular, surgem em óbvia defesa de um poder patriarcal, heterossexual e branco, assim como de uma determinada organização e educação da sociedade). Desse modo, o que podemos mais claramente inferir sobre os casos dos três integrantes dessa família é que eles não se enquadraram em um determinado “padrão de poder”, e atraíram para si o terrível e ominoso *fukú*.

Para entendermos melhor esse termo, precisamos, antes, abordar o conceito de Colonialidade, de Aníbal Quijano. O empreendimento colonial nas Américas, a própria criação dessa entidade geo-social, foi parte essencial do nascimento do sistema de mundo moderno que prepondera até hoje. O Novo Mundo não teria sido incorporado a um capitalismo pré-existente, pois não teria havido uma economia capitalista mundial sem as Américas (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992). Por isso, 1492 seria o marco zero da maldição, pois as bases ideológicas que deram suporte à colonização das Américas foram ao mesmo tempo o que viabilizou a existência, a expansão e a sobrevivência do capitalismo até hoje. E também o que gerou os seus sintomas, o que poderíamos chamar de Colonialidade.

A colonialidade transcende o marco histórico do colonialismo; na realidade, ela antecede e ultrapassa o período da independência, representando a permanência de hierarquias, privilégios, subalternidades e modos de produção do conhecimento ainda pautados por critérios estabelecidos a partir do empreendimento colonial das Américas.

A colonialidade (...) é ainda o modo mais geral de dominação no mundo atual, uma vez que o colonialismo como ordem política explícita foi destruído. Ele não esgota, obviamente, as condições, nem as formas de espoliação e dominação existentes entre os povos. Mas não parou de

ser, há 500 anos, seu marco principal (QUIJANO, 1992, p. 14 – tradução minha).

E quais seriam, mais especificamente esses critérios? Segundo Quijano, eles estariam fortemente sedimentados nas classificações de raças, que criaram hierarquias entre a branquitude e seus “outros”. Essa suposta diferenciação biológica serviu como justificativa para a dominação dos conquistados pelos conquistadores, delegando características intrínsecas, sempre inferiores às suas, a determinados grupos. O argentino Walter Mignolo explica que o caráter singular das Américas jaz, mais especificamente, na gigantesca exploração do trabalho que a colonização ativou, e, segundo o conceito de inferioridade das raças, a ideia de que algumas vidas são descartáveis, o que incentivou o aumento absurdo da produtividade em minas e plantações, aniquilando vidas e outros modos de produção e economia (MIGNOLO, 2005, p. 48).

É importante, contudo, trazer as ressalvas da filósofa feminista María Lugones aos eixos de poder criados por Quijano. A autora ressalta a importância das interseccionalidades entre raça e gênero, que determinam lugares distintos de subalternidade. Segundo Quijano, os eixos estabelecidos por relações de poder consistem na dominação sobre o sexo, o trabalho, a autoridade coletiva e subjetividade/intersubjetividade, bem como seus recursos e produtos (QUIJANO *apud* LUGONES, 2008, p. 78). Desse modo, o peruano não questiona o mito biológico do binarismo homem-mulher e a heterossexualidade. De acordo com Lugones, a enorme contribuição de Quijano ao esquematizar a racialização da divisão do trabalho, falha, no entanto, na forma como inclui o gênero na organização do sexo, seus recursos e produtos.

A filósofa aponta que as palavras “homem” e “mulher” em geral subentendem o homem e a mulher brancos, burgueses e heterossexuais. A palavra “negro” abarcaria os homens negros heterossexuais, etc., deixando as mulheres de cor (negras, indígenas, mestiças, asiáticas...) numa situação de invisibilidade social. Este vazio, ademais, só pode ser mostrado por meio das interseccionalidades, que trazem à luz identidades de gênero e orientações sexuais à sombra daquelas dominantes, como no caso da comunidade LGBTQ. O cruzamento entre essas orientações e identidades com critérios de raça determinam diferentes experiências e lugares de subalternidade a partir do intento colonial – quando reduzidas a termos “globalizantes”, como homem e mulher, acabam sendo silenciadas e apagadas sob significados, na verdade, muito restritos.

Talvez se possa inferir que o próprio Quijano tenha sido vítima de um processo de naturalização de conceitos que ele mesmo buscou combater, mas, como toda teoria carrega suas próprias sombras, as contribuições feitas *a posteriori*, tais como as de Lugones, têm acrescentado novas formulações e expansões a seu pensamento. Usando como gancho a questão da naturalização das estruturas de poder, é importante destacar que uma de suas égides está assentada sobre o conceito de *modernidade*, o qual abarca ideais de racionalidade, progresso, objetividade e linearidade temporal – referenciais ligados à produção do conhecimento. É o advento da modernidade que oferece o suporte ideológico para as hierarquias entre os conceitos de raças e gêneros, intrínsecos ao projeto colonialista. Em *Colonialidad y Modernidad/Racionalidad*, Quijano discute de que maneira o apagamento dos conhecimentos não europeus e o estabelecimento da cultura europeia (racionalidade/modernidade) como marco universal estão profundamente atrelados à disseminação da ficção biológica da raça, e aos processos de expropriação e extermínio que se deram em terras americanas desde a chegada de Colombo. O autor explica que

(...) durante o mesmo período em que se consolidava a dominação colonial europeia, foi se constituindo o complexo cultural conhecido como a racionalidade/modernidade europeia, que foi estabelecida como um paradigma universal de conhecimento e de relação entre a humanidade e o resto do mundo (QUIJANO, 1992, p. 15 – tradução minha).

Segundo o estudioso argentino Walter Mignolo, o surgimento e a intensificação das rotas comerciais ao longo do Atlântico caminha lado a lado com mudanças no campo dos saberes. Desse modo, a revolução econômica que estava em curso com a exploração da América vinha aliada a uma revolução epistemológica. A disseminação dessa racionalidade, de um homocentrismo em cujo centro não estaria qualquer representante da espécie *homo sapiens*, mas um sujeito branco, heterossexual e do sexo e gênero masculino, trazia em seu cerne binarismos entre homem – mulher, branco – negro, racionalidade – natureza, futuro – passado, nos quais o primeiro lado sempre prepondera sobre o segundo. O empreendimento colonial só se fez possível e perdurou após a emancipação das nações colonizadas a partir dessas separações entre o eu e o outro, que justificaram expropriações, explorações, extermínios e o solapamento dos valores e conhecimentos não europeus. Quijano ressalta que o que teria garantido a eficácia e a

perenidade desse sistema jaz no controle do conhecimento e na naturalização de determinadas epistemologias, legitimando o domínio de um modo de produção e de conhecimento sobre outros. Esse “padrão de poder”, que permanece na penumbra, como um lado oculto por trás do discurso de modernidade e modernização, retroalimenta-se de sua capacidade de apagar diferenças e, ao mesmo tempo, de separar a vida humana a partir de raças, ou seres descartáveis. Este modo de dominação acabou por transformar a cultura europeia na maior e principal via de acesso ao poder, o que, por conseguinte, a tornou uma aspiração generalizada.

Ergue-se assim, através da igreja, da escola e das leis (CASTRO-GÓMEZ, 2005), entre outros aparatos, um escudo ideológico que apaga a possibilidade de outras formas de vida e pensamento, e, por conseguinte, impede que os males e revezes gerados por um sistema que, em sua raiz, é cruel e desigual, não sejam vistos como inevitáveis, como “coisas da vida”. O *fukú* estaria imbricado a esse silêncio por trás da tortura e assassinato de Abelard, da solidão e desamparo de Beli, da inadequação de Oscar. Estaria enredado a essa face oculta da modernidade que, por vezes, pode simploriamente ser chamada de “má sorte”, tornando-se ainda mais obscena quando ditaduras militares autoritárias punem e censuram quaisquer desvios ao “curso natural das coisas”, buscando, perpetuar os privilégios garantidos a poucos. Ademais, o fato de Beli não conseguir falar sobre seus traumas, o silêncio incômodo enraizado em suas veias, nos fala dos rescaldos das violências, vivas em suas cicatrizes, e que tomaram a forma do câncer que, por fim, consumiu a personagem. O medo de chamar atenção para si, para seus pensamentos ou sua dor, justificado pelas perseguições do Trujillato a quem ousasse fazê-lo, ainda parece ser alimentado por aparatos policiais e judiciais que punem, encarceram e matam uma população negra e de baixa renda em todo o Ocidente – quer Beli e seus filhos estejam na República Dominicana, ou nos EUA. As marcas do sofrimento e da inadequação são transmitidas de geração em geração, e é, talvez, por isso que Yuniór veja no processo de escrita do romance, de seu caminhar entre silêncios, uma forma de cura, de olhar memórias e dores face a face. Uma forma de lançar um contrafeitiço em direção ao *fukú*.

Para José David Saldívar, o objetivo da maldição seria representar todo o império desse escudo (SALDÍVAR, 2011, p. 121). Em entrevista, Díaz esclarece: “(...) a verdadeira questão no livro não é se o sujeito é capaz de derrotar o *fukú* ou não, mas se é ao menos capaz de enxergá-lo” (DÍAZ *apud* MAHLER, 2010, p. 134). Com base no

pensamento do sociólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot, Saldívar afirma que a demarcação de um fenômeno através de uma denominação, como o *fukú*, de algum modo circunscreve um campo/imaginário em termos políticos e epistemológicos. Assim, a maldição vinculada à chegada de Colombo às Antilhas estabelece um campo de poder na narrativa. “O romance de Yunior pode, então, ser lido como um testemunho imaginativo do lançamento pelo Almirante Colombo da hegemonia do Eurocentrismo como um modo de ao mesmo produzir e controlar a subjetividade e o conhecimento do Sul Global” (SALDÍVAR, 2011, p. 126 – tradução minha). A criação de um elemento como o *fukú americanus* busca combater a visão da história como uma flecha que vai sempre adiante, em que os silêncios deixados pelo passado não se manifestam ainda no presente, levando-nos a refletir sobre a forte permanência do patriarcado, do racismo, da apropriação de terra, da exploração do trabalho, entre outros, e sobre como tais elementos foram defendidos com mãos de ferro durante a ditadura Trujillista.

Temos aí, portanto, um bom exemplo de subversão da memória e aplicação da imaginação decolonial (MIGNOLO, 2008), usada para desvelar e deslocar a maneira como marcos históricos são muitas vezes imaginados. O *fukú* nos leva, portanto, a atravessar a blindagem que mitos como o do descobrimento escondem por trás de seu discurso celebrativo, mostrando que seus efeitos permanecem vivos ao longo de todos esses séculos, ainda que enramados e transmutados em regimes ditatoriais, e até nas “mãos invisíveis” dos tempos neoliberais da atualidade.

Referências:

- BBC. La massacre que marcó las relaciones de Haití y la República Dominicana. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias/2012/10/121012_masacre_haiti_republica_dominicana_ar. Acesso em: 23 de junho de 2018.
- CORONIL, Fernando. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. IN: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Coleção Sur Sur, Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>
- DÍAZ, Junot. **A fantástica vida breve de Oscar Wao** (trad.: Flávia Anderson) São Paulo: Record, 2009.
- HARFORD VARGAS, Jennifer. Dictating a Zafa: The Power of Narrative as Ruin-Reading. IN: HANNA, Monica; HARFORD VARGAS, Jennifer; SALDÍVAR, José

David Saldívar (orgs.). **Junot Díaz and the decolonial imagination**. Durhan/Londres: Duke UP, 2016.

LOPEZ-CALVO, Ignacio. "Coloniality is not over, it's all over". Interview with Dr. Walter D. Mignolo (Part II). **Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World**. Califórnia, v. 6, n. 2, 2016.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**. Bogotá, n. 9, v. 73, jul-dez 2008.

MIGNOLO, Walter. La opción decolonial. **Letral**, n. 1, Granada: Universidade de Granada, 2008.

_____. **The idea of Latin America**. Nova Jérsey: John Willeys and Sons, 2009.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. Perú Indígena. Lima, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992

_____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. IN: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. IN: LANDER, Edgardo (org.). Coleção Sur Sur, Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

QUIJANO, Anibal; WALLERSTEIN, Immanuel. La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial. **Revista Internacional de Ciencias Sociales**. Catalunha, v. XLIV, n. 4, 1992.

PONS, Frank Moya. **The Dominican Republic: a national history**. Princeton: Markus-Wiener Publishing, 2010.

SALDÍVAR, José David. Conjectures on "Americanness" and Junot Díaz's "Fukú Americanus" in The Brief Wondrous Life of Oscar Wao. **The global South**, v. 5, n. 1, p. 120-136, 2011.

_____. Junot Díaz's Search for Decolonial Aesthetics and Love. IN: HANNA, Monica; HOLFORD VARGAS, Jennifer; SALDÍVAR, José David Saldívar (orgs.). **Junot Díaz and the decolonial imagination**. Durhan/Londres: Duke UP, 2016.

TUHIWAI SMITH, Linda. **A descolonizar las metodologías** (trad. Kathryn Lehman). Santiago: LOM Ediciones, 2016.

LLOSA, Mario Vargas. **A festa do bode**. São Paulo: Mandarim, 2000.